

Desenvolvimento e Dependência na América Latina: revisitando as interpretações de Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso.

Samuel Costa Peres y Laís Fernanda de Azevedo.

Cita:

Samuel Costa Peres y Laís Fernanda de Azevedo (2017). *Desenvolvimento e Dependência na América Latina: revisitando as interpretações de Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/518>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**DESENVOLVIMENTO E DEPENDÊNCIA: REVISITANDO AS INTERPRETAÇÕES DE
CELSO FURTADO E FERNANDO HENRIQUE CARDOSO**

Samuel Costa Peres

scostaperes@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Brasil

Laís Fernanda de Azevedo

laisf_azevedo@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

A partir dos anos 1940, os trabalhos na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) inauguraram uma temporada de contribuições para a construção de uma “teoria do desenvolvimento econômico”. Recusando as interpretações do pensamento econômico dominante, as obras de Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso refletem as manifestações dessa época, que redescobriu que a desigualdade econômica, política e social entre os países não era fruto de leis naturais e inexoráveis, mas resultado de assimetrias e desigualdades historicamente construídas a partir de determinadas relações econômico-sociais. Assim, este trabalho busca revisitar as obras de Furtado e Cardoso, apresentando os principais elementos constituintes de suas interpretações sobre o *desenvolvimento econômico* e a *dependência*, bem como apontar os pontos de convergência e divergência entre elas. Em síntese, embora ambos ressaltem a importância de considerar o processo histórico para compreender o subdesenvolvimento e as possibilidades e condições de desenvolvimento, na investigação histórica, Cardoso prioriza a análise da interação de grupos e classes sociais, enquanto Furtado aborda-a numa perspectiva mais macro, num dualismo estrutural “centro” *versus* “periferia”, “atrasado” *versus* “moderno”, mas, não existem, como em Cardoso, as leis de movimento, em que um gera o outro. Em Furtado, o subdesenvolvimento não caminha para o desenvolvimento por si próprio, ele é exógeno. Para Furtado, o *desenvolvimento* não é somente uma questão de crescimento econômico ou um processo de acumulação de capital (o que para ele era apenas *modernização*), mas de mudanças estruturais profundas em benefício da coletividade. Já Cardoso entende *desenvolvimento* como acumulação de capital, a qual não implica benefícios para o conjunto da sociedade, ao contrário, tende a ser contraditória e geradora de desigualdades. A *dependência*, para ambos, caracteriza o *modus operandi* do capitalismo na periferia, i.e., uma forma particular do desenvolvimento do capitalismo em certas economias periféricas. Apesar disso, para Furtado, a dependência tende a aprofundar o subdesenvolvimento, sendo o desenvolvimento muito difícil nos quadros de dependência. Para Cardoso, a situação de dependência não exclui e não colide com a possibilidade de desenvolvimento econômico das economias dependentes.

Palavras-chave:

Celso Furtado. Fernando Henrique Cardoso. Desenvolvimento econômico.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

From the 1940s, the Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC) inaugurated a season of contributions to the construction of a "theory of economic development". Refusing interpretations of the dominant economic thinking, the works of Celso Furtado and Fernando Henrique Cardoso reflect the manifestations of that time, which rediscovered that the economic, political and social inequality between countries was not the result of natural and inexorable laws, but the result of asymmetries and inequalities historically constructed from certain economic and social relations. Thus, this paper seeks to revisit the works of Furtado and Cardoso, presenting the main constituent elements of their interpretations of economic development and dependence, as well as identifying the elements of convergence and divergence between them. In short, although both emphasize the importance of considering the historical process to understand underdevelopment and the possibilities and conditions of development, in the historical investigation, Cardoso prioritizes the analysis of the interaction of groups and social classes, while Furtado approaches it in a more macro perspective, in a structural dualism "center" versus "periphery", "archaic" versus "modern", but, unlike Cardoso, there are no laws of motion, in which one generates the other. In Furtado, underdevelopment does not lead to development on its own, it is exogenous. In Furtado writings, development is not only a matter of economic growth or a process of capital accumulation (which for him was only modernization), but a process of profound structural changes for the benefit of the collectivity. Cardoso, however, understands development as capital accumulation, which does not imply benefits for society as a whole, but tends to be contradictory and generates inequalities. characterizes the modus operandi of capitalism on the periphery, i.e., a particular form of the development of capitalism in certain peripheral economies. Nonetheless, in Furtado, dependence tends to deepen underdevelopment, being the development very difficult within the framework of dependence. In Cardoso, the situation of dependence does not exclude and does not collide with the possibility of economic development of the dependent economies.

Keywords:

Celso Furtado. Fernando Henrique Cardoso. Economic development.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

No pós-Segunda Guerra Mundial as correntes hegemônicas no pensamento econômico foram confrontadas com perspectivas que se recusaram a aceitar a tese de que o atraso econômico, a pobreza e o subdesenvolvimento proviriam de uma simples defasagem temporal. A tese em voga proferia, em síntese, que o subdesenvolvimento refletia apenas a entrada tardia de certos países no processo de modernização. Nessa perspectiva, resume Paula (2006), a desigualdade entre os países ricos e os países pobres seria superada assim que os países pobres tivessem tempo para trilharem o caminho único e inevitável do desenvolvimento, ou seja, adotassem o capitalismo em sua versão liberal-utilitarista.

No final dos anos 1940, os trabalhos de Raúl Prebisch na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) inauguraram uma temporada de contribuições decisivas para a construção de uma “teoria do desenvolvimento econômico”, dentre as quais pode-se destacar, no plano global, as obras Teoria do Desenvolvimento Econômico (1955), de Lewis; Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas, de Myrdal (1956); Estratégia do Desenvolvimento Econômico, de Hirschman (1958), entre outras. Esses trabalhos, embora diferentes em muitos aspectos e referenciados a matrizes teóricas distintas, têm em comum o fato de se afastarem da ortodoxia no pensamento econômico dominante, que não reconhece as especificidades históricas das realidades dos países periféricos, subdesenvolvidos, e, portanto, é incapaz de dar conta dessas realidades (Paula, 2006).

Esse tempo, marcado pela urgência e pelo compromisso, foi tanto o do surgimento de várias perspectivas críticas – que buscaram apontar os limites do pensamento econômico convencional, a tradição liberal-neoclássica, e dar conta do fenômeno assim batizado de subdesenvolvimento – quanto da busca dos instrumentos teóricos e práticos, técnicos e políticos, capazes de superá-lo mediante a construção do desenvolvimento econômico-social como processo de universalização dos frutos do progresso científico e tecnológico.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

É dentro desse contexto e rodeados por estes questionamentos que, Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso, preocuparam-se em compreender o que havia por trás do processo de desenvolvimento nos países considerados subdesenvolvidos. Uma característica que se os aproximou num determinado momento, igualmente os distanciou teoricamente¹. Assim, nesse período de significativos esforços dentro da temática do desenvolvimento, as vastas obras de Furtado e Cardoso refletem as manifestações de uma época, que redescobriu que a desigualdade econômica, política e social entre os países não era fruto de leis naturais e inexoráveis, mas resultado de assimetrias e desigualdades historicamente construídas a partir de determinadas relações econômico-sociais.

Mas, afinal, há algum sentido, ainda, em se falar em desenvolvimento econômico, tema exaustivamente debatido durante todo o século XX? Ora, a simples observação da realidade que nos cerca – notadamente no Brasil, que insiste em perfilar-se nas estatísticas como um dos países mais injustos, mais desiguais e mais divididos que há, a despeito de figurar sempre entre as economias de maior Produto Interno Bruto (PIB), e manter sempre viva a expectativa de um futuro próspero para seus cidadãos – sugere não apenas sentido, mas, também, urgência em falarmos de desenvolvimento econômico nos dias de hoje.

Posto isso, este trabalho busca revisitar as obras de Furtado e Cardoso, apresentando os principais elementos constituintes de suas interpretações sobre o *desenvolvimento* e, por consequência, sobre a *dependência*. Ademais, buscar-se-á apontar os pontos de convergência e divergência nas suas interpretações.

Nesse intuito, o trabalho está estruturado da seguinte forma. Na primeira seção, além desta introdução, são apresentadas as noções de desenvolvimento em cada autor, bem como suas evoluções ao longo de suas obras. A segunda parte aborda a ideia de dependência, além de apontar as perspectivas dos autores a respeito de suas implicações no desenvolvimento das economias

¹ Vale ressaltar, ainda que sem pormenorizá-las, as influências teóricas dos autores, pelas quais se desenvolvem suas linhas de pensamento. No que se refere a Furtado, entre suas influências, figuram o keynesianismo, o positivismo, a "sociologia moderna", a escola histórica alemã, Schumpeter, List, Myrdal, Nurkse e, até mesmo, Marx. É esse ecletismo a marca do estruturalismo cepalino, que tem de Furtado importantes contribuições. Já Cardoso se insere na lógica da Escola de Sociologia da USP: Marx e Weber; e acrescenta Sartre, Gramsci e Lukács, entre outros.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

subdesenvolvidas. Por fim, na última seção, que compreende as considerações finais, é realizado um esforço de identificar os pontos de contato e de afastamento nas interpretações dos autores.

II. Desenvolvimento e subdesenvolvimento: as noções fundamentais

Desde seus trabalhos da década de 1950, Celso Furtado já apontava as limitações da visão econômica convencional em relação à problemática do desenvolvimento. No entanto, foi na década seguinte que o autor formulou, de fato, uma análise conceitual da especificidade do subdesenvolvimento ao publicar *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (1961), obra que reúne trabalhos seus elaborados ao longo de quase dez anos. Elemento central na origem das estruturas subdesenvolvidas, para Furtado (1961), é o advento de um núcleo industrial dinâmico na Europa do século XVIII, cuja ação passou a condicionar o desenvolvimento econômico ulterior em quase todas as regiões do mundo, tomando três direções distintas: a primeira correspondeu ao desenvolvimento industrial dos próprios países da Europa Ocidental; a segunda resultou na formação de núcleos industriais em países de características semelhantes aos países europeus (Austrália, Canadá e Estados Unidos); e, a terceira, deu-se em direção a regiões já ocupadas, algumas inclusive densamente povoadas, e resultou na formação de estruturas econômicas dependentes, criando-se estruturas híbridas: uma parte que tendia a comportar-se como um sistema capitalista, a outra, a manter-se dentro da estrutura preexistente, de formas pré-capitalistas de produção. Para Furtado (1961), “esse tipo de economia dualista constitui, especificamente, o fenômeno do subdesenvolvimento contemporâneo” (p.180).

Desse modo, para Furtado (1961), o subdesenvolvimento não é um estágio, uma etapa anterior ao desenvolvimento, pela qual teriam passado necessariamente as economias que alcançaram um grau superior de desenvolvimento – como a visão tipicamente exemplificada na teoria de Rostow² – mas um processo histórico autônomo. É, em síntese, uma situação particular,

² W. W. Rostow, em *Etapas do Desenvolvimento Econômico* (1959), havia disseminado a ideia de que o desenvolvimento se daria numa sequência de cinco etapas as quais se sucederiam naturalmente na seguinte ordem: a sociedade tradicional, as condições para o arranco, o arranco, a marcha para a maturidade e, finalmente, a era do consumo em massa.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

resultante da expansão das economias capitalistas a fim de utilizar mão-de-obra e recursos naturais de áreas de economia pré-capitalista. Furtado (1961) ressalta ainda que o universo capitalista é muito heterogêneo, em que o desenvolvimento econômico é desigual, pois o conjunto de recursos e fatores que se apresenta em cada parte do mundo é obviamente diverso. Simplificadamente, segundo Furtado (1961), o desenvolvimento econômico consiste “na introdução de novas combinações de fatores de produção que tendem a aumentar a produtividade do trabalho” (p.91), a qual à medida que cresce, aumenta a renda real social, isto é, aumenta a quantidade de bens e serviços disponíveis para a população. Assim, o desenvolvimento econômico seria essencialmente um processo de acumulação de capital que, sem progresso técnico, encontra constantemente seus limites.

Pouco tempo depois, reescreve o livro de 1961 e publica, em 1967, *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. Nessa obra, Furtado (1983) apresenta uma versão mais bem acabada do conceito de desenvolvimento, distinguindo-o nitidamente de *crecimiento*. O autor explicita sua preocupação a sociedade, caracterizando o desenvolvimento como uma estrutura complexa que não compreende apenas o nível tecnológico, mas também a diversidade das formas sociais e econômicas resultantes da divisão do trabalho social, e que deve satisfazer as necessidades de uma coletividade. O conceito de crescimento, por sua vez, refere-se a um conjunto econômico de estrutura mais simples, no qual a demanda não é autocriada, ou seja, deve ser reservado para exprimir a expansão da produção real no quadro de um subconjunto econômico, e não implica, necessariamente, modificações nas funções de produção. Em suma, nas palavras de Furtado (1983):

(...) o desenvolvimento tem lugar mediante aumento de produtividade ao nível do conjunto econômico complexo. Esse aumento de produtividade (e da renda *per capita*) é determinado por fenômenos de crescimento em subconjuntos, ou setores, particulares. As modificações de estrutura são transformações nas relações e proporções internas do sistema econômico, as quais têm como causa básica modificações nas formas de produção, mas que não se poderiam concretizar sem modificações na forma de distribuição e utilização da renda. O aumento da produtividade física com respeito ao conjunto da força de trabalho de um sistema econômico somente é possível mediante a introdução de formas mais eficazes de utilização dos recursos, as quais implicam seja acumulação de capital, seja inovações tecnológicas, ou mais correntemente a ação conjugada desses dois fatores. Por outro lado, a realocação de recursos que acompanha o aumento do fluxo de renda é condicionada pela composição da procura, que é a expressão do sistema de valores da coletividade. Desta forma, o desenvolvimento é ao mesmo tempo um problema de acumulação e progresso técnico, e um problema de expressão dos valores de uma coletividade (pp.79-80).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Sob influência do legado cepalino, predominante nos anos 1950, tanto Furtado quanto Cardoso haviam aderido fielmente à ideia de que o avanço da industrialização era o principal caminho para o desenvolvimento econômico e social dos países da América Latina e, em particular do Brasil³. No entanto, analisando a evolução estrutural do capitalismo mundial, Furtado lança, em 1974, *O Mito do Desenvolvimento Econômico*, obra que revela certo pessimismo do autor em relação à superação do subdesenvolvimento nas economias periféricas, principalmente devido aos desdobramentos que marcaram a economia brasileira naquele período. Ele argumenta que a acelerada industrialização das economias periféricas desenhou-se sob a direção das grandes empresas dos países centrais, de modo que a estabilidade e a expansão daquelas economias dependiam, fundamentalmente, das transações internacionais, as quais eram controladas pelas grandes empresas. Assim, as relações dos Estados nacionais com estas empresas traduziam-se em relações de poder, o que tendia a aumentar o fosso existente entre centro e periferia.

Para Furtado (1974), a crescente hegemonia das grandes empresas na orientação do processo de acumulação resulta, no centro, numa tendência à homogeneização dos padrões de consumo e, na periferia, num distanciamento entre as formas de vida de uma minoria privilegiada e a massa da população, o qual é até mais importante do que fosso entre a periferia e o centro do sistema. A ampliação desse fosso internamente reside na maneira em que é utilizado o progresso técnico e a maneira à qual o excedente econômico é apropriado, utilizado e distribuído, que é, em última instância, o que separa o desenvolvimento da manutenção do subdesenvolvimento. Nesse sentido, o subdesenvolvimento seria resultado de escolhas, políticas e sociais, na medida em que a “opção” pela forma de apropriação do excedente econômico é predominantemente para a sustentação do estilo de vida e de consumo da minoria, em vez de priorizar formas de consumo adequadas a toda a sociedade, elevando o nível de bem-estar geral.

A explicação desse fenômeno reside no conceito de *modernização*, isto é, um “processo de adoção de padrões de consumo sofisticados (privados e públicos) sem o correspondente processo de acumulação de capital e progresso nos métodos produtivos” (Furtado, 1974, p.81). Essa tendência reflete uma dependência cultural, em que grupos que se apropriam do excedente econômico

³ Para uma análise detalhada das obras dos autores de comprovam essa assertiva, ver, por exemplo, Almeida (2009).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

direcionam-no para imitação de padrões técnicos e de consumo externos a sua realidade social. Na explicação de Furtado (1974),

(...) a tecnologia incorporada aos equipamentos importados não se relaciona com o nível de acumulação de capital alcançado pelo país e sim com o perfil da demanda (o grau de diversificação de consumo) do setor modernizado da sociedade. Dessa orientação do progresso técnico e da conseqüente falta de conexão entre este e o grau de acumulação previamente alcançado, resulta a especificidade do subdesenvolvimento na fase de plena industrialização... O comportamento dos grupos que se apropriam do excedente, condicionado que é pela situação de dependência cultural em que se encontram, tende a agravar as desigualdades sociais, em função do avanço da acumulação (p.82).

Essa é, basicamente, a armadilha histórica do subdesenvolvimento. O processo de industrialização, que nos países centrais havia gerado a escassez de mão-de-obra e a elevação dos salários, não se reproduz na periferia da mesma maneira. Isso acontece, na visão de Furtado, porque o progresso técnico, nesses países, penetra por meio de novos produtos, isto é, por meio da modernização, sendo incapaz de produzir a homogeneização social. Assim, os países hoje tidos como subdesenvolvidos, entre eles o Brasil, mesmo tendo avançado no processo de industrialização, experimentaram apenas a modernização, não o desenvolvimento. Conforme Furtado (1983), “desenvolvimento (...) passou a confundir-se com importação de certos padrões culturais, ou seja, com a *modernização* dos estilos de vida” (p.181).

Desse modo, fica nítido que, diferentemente do otimismo e esperança atribuído à industrialização nos seus trabalhos iniciais, Furtado revela certa desilusão – não só na economia brasileira, mas nas economias subdesenvolvidas como um todo – com relação às possibilidades de transformações estruturais qualitativas em direção a um desenvolvimento nacional autônomo e sustentado.

Assim, como Furtado, Fernando Henrique Cardoso no início de sua produção intelectual acreditava na possibilidade de superação do subdesenvolvimento a partir de um desenvolvimento nacional e autônomo que se baseasse na industrialização, como atestam diversos de seus ensaios na Revista Brasiliense entre meados de 1950 e 1960⁴. Entretanto, com o avanço no processo de industrialização e o fracasso do projeto nacional-desenvolvimentista ou nacional-burguês, o autor

⁴ Ver, por exemplo, *Desenvolvimento econômico e nacionalismo*. Revista Brasiliense, n. 12, São Paulo, jul.-ago. 1957 ; e, *Educação e desenvolvimento econômico*. Revista Brasiliense, n. 17, São Paulo, mai.-jun. 1958.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

passou a repensar o desenvolvimento associado ao avanço do capitalismo nos países periféricos. Em seus trabalhos, Cardoso frequentemente dialogava com o pensamento cepalino, e é desse modo que, no intuito de compreender as razões pelas quais a industrialização substitutiva de importações induzida pela Cepal – e por ele apoiada na década de 1950 – havia tomado rumos distantes dos inicialmente previstos, empenhou-se em verificar a participação dos empreendedores industriais no desenvolvimento econômico brasileiro. Esse estudo deu origem ao livro *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico* (1964), e no qual o autor faz importantes considerações acerca da temática do desenvolvimento e subdesenvolvimento. Antes dessa discussão, cabe assinalar que Cardoso (1972) vai de encontro às expectativas das correntes nacionalistas sobre o desenvolvimento brasileiro na época, ao apontar que a classe empresarial existente no Brasil, entendida como a burguesia industrial nacional, não estava preparada, disposta, e não tinha poder suficiente – dada a marcante a presença das corporações estrangeiras no comando dos setores mais dinâmicos da economia brasileira – para desempenhar o papel que a ideologia nacional lhe atribuía: de liderar um desenvolvimento nacional autônomo, baseado na industrialização e formação de um mercado interno independente.

No que tange à discussão sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento, Cardoso (1972) argumenta que o primeiro precisa ser pensado numa análise menos abstrata, que se preocupe menos com a construção de modelos e mais com as estruturas capazes de explicar o processo. Assim, numa análise propriamente sociológica do desenvolvimento, os processos de diferenciação estrutural são vistos como o resultado de movimentos sociais que circunscrevem os determinantes universais do desenvolvimento.

Ademais, as noções de subdesenvolvimento e de processo de desenvolvimento estão associadas a tipos de dominação e processos sociais que não são meramente econômicos, de modo que pensar a noção de sociedade subdesenvolvida descolada da relação com outra sociedade considerada desenvolvida não faz sentido, uma vez que o subdesenvolvimento não significa o não-desenvolvimento, mas, sim, uma forma de exprimir a existência de um tipo de desenvolvimento. Em outros termos, para compreender o processo de desenvolvimento no mundo ocidental é preciso



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

analisar as relações básicas entre os dois tipos de sociedades (desenvolvidas e subdesenvolvidas) em conjunto, pois juntas elas representam o modo capitalista de produção (Cardoso, 1972).

Então, ao identificar as especificidades do setor industrial brasileiro e a presença maciça do capital estrangeiro no país, Cardoso começa a construir sua nova tese junto a Enzo Faletto: *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, publicada pela primeira vez em 1969, em espanhol. Para os autores, além de analisar os fatores externos enquanto condicionantes do desenvolvimento, era preciso colocar em primeiro plano a integração das classes e grupos sociais, o que implicava repensar o sentido e as funções que estas têm no contexto estrutural da situação de subdesenvolvimento. Assim, para Cardoso e Faletto (2010), uma análise global do desenvolvimento requer uma redefinição de perspectiva:

(...) por um lado, considerar em sua totalidade as “condições históricas particulares” – econômicas e sociais – subjacentes aos processos de desenvolvimento, no plano nacional e no plano externo; por outro, compreender, nas situações estruturais dadas, os objetivos e interesses que dão sentido, orientam ou animam o conflito entre os grupos e classes e os movimentos que “põem em marcha” as sociedades em desenvolvimento (p.33).

Nessa perspectiva, consideram o desenvolvimento como “o resultado da interação de grupos e classes sociais que têm um modo de relação que lhes é próprio e, portanto, interesses materiais e valores distintos, cuja oposição, conciliação ou superação dá vida ao sistema socioeconômico” (Cardoso e Faletto, 2010, p.34). Assim, apreende-se que da interação entre grupos e classes sociais pode resultar um processo político-social que engendre possibilidades de mudança na ordem econômica, isto é, capazes de transformar o processo de desenvolvimento.

No que se refere ao subdesenvolvimento, este teria se produzido historicamente quando a expansão do capitalismo comercial e depois do industrial vinculou a um mesmo mercado economias que, além de apresentar graus variados de diferenciação produtiva, passaram a ocupar posições distintas da estrutura global do sistema capitalista.

De tal modo, Cardoso e Faletto (2010) explicam que a noção de subdesenvolvimento “caracteriza um estado ou grau de diferenciação do sistema produtivo (...) sem acentuar as pautas de controle das decisões de produção e consumo” (p.38). As noções de “centro” e “periferia”, por seu turno, “destacam as funções que cabem às economias subdesenvolvidas no mercado mundial sem levar em conta os fatores político-sociais implicados na situação de dependência”. Ou seja, o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

subdesenvolvimento reflete a vinculação ao mercado capitalista de economias que estão em diferentes graus de diferenciação do sistema produtivo, o que supõe, de outro lado, uma estrutura definida de relações de dominação entre economias desenvolvidas e subdesenvolvidas. Ainda, à luz da história, os autores apontam que, mais que a diferenciação econômica em si, alcançada durante o período de expansão para fora, a diferenciação social e, correlativamente, o equilíbrio de poder entre os grupos sociais são os fatores que explicam o tipo de desenvolvimento obtido nos diversos países.

Em síntese, na perspectiva de Cardoso, a noção de desenvolvimento baseia-se na concepção marxista de capitalismo progressista, de modo que é fundamentalmente um processo de crescimento (acumulação de capital), o qual é função dos aumentos de produtividade e da diferenciação do sistema produtivo (Almeida, 2009).

Até aqui, optou-se por abordar as ideias de desenvolvimento e subdesenvolvimento nas interpretações de Furtado e Cardoso, sem incluir suas visões a respeito da dependência, embora essa noção tenha aparecido com maior ou menor clareza ao longo da exposição. No entanto, entender as perspectivas sobre desenvolvimento para esses autores sem incluir a questão da dependência é demasiadamente simplista, uma vez que esses conceitos encontram-se atrelados nas obras de ambos. Posto isso, a seção seguinte busca elucidar as ideias de Furtado e Cardoso sobre a dependência.

III. A dependência e os entraves ao desenvolvimento

Iniciando por Furtado, a ideia de dependência está presente em praticamente toda sua obra, desde sua tese de doutorado, *A economia colonial do Brasil nos séculos XVI e XVII* (1948), mas é nas publicações a partir de meados da década de 1960 que tal questionamento ganha maior relevo. Sinteticamente, em Furtado, a dependência das economias periféricas, tendo a América Latina como centro de análise, tem raízes históricas profundas, remonta ao início das relações econômicas da região com o sistema mundial, e foi se transformando e aprofundando com o passar dos séculos. No entanto, é com a revolução industrial e a nova divisão internacional do trabalho que esse tema recebe maior atenção do autor.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nessa época, segundo Furtado (1974, 1983), certos países (os que lideraram o processo de industrialização) se desenvolviam especializando-se em setores nos quais o progresso técnico penetrava rapidamente, e outros se especializavam em atividades cujo progresso técnico era insignificante ou naquelas em que sua constelação de recursos apresentava vantagem, ou seja, valiam-se da “lei das vantagens comparativas”. Essas relações assimétricas entre países “cêntricos” e “periféricos” escondia um aspecto fundamental: os países “periféricos”, ao especializarem-se nessas atividades, foram transformados em importadores de novos bens de consumo, fruto do processo de acumulação e do progresso técnico nos países “cêntricos”. Desse modo, completa Furtado (1983), “o controle do progresso tecnológico e possibilidade de impor padrões de consumo, da parte de certas economias, passa a condicionar a estruturação do aparelho produtivo de outras, as quais se tornam *dependentes*” (p.183).

Furtado (1983) chama a atenção, ainda, para o caráter estrutural da dependência. Segundo ele, os três tipos de transformações das economias periféricas (vantagens comparativas, substituição de importações e condicionamento das formas de comportamento dos grupos de altas rendas) têm em comum o fato de se constituírem processos adaptativos diante da evolução estrutural dos centros dominantes, o que revela, portanto, uma evolução do próprio processo de dependência. Afirma, ademais, que dada a estrutural atual do sistema global, em que o controle de novas técnicas está nas mãos de grandes empresas e grupos sediados nos países “cêntricos”, as relações de dependência tendem a se estreitar.

(...) nas economias “periféricas” o desenvolvimento tende a acarretar aumento dos vínculos internacionais, no sentido de que, na grande maioria dos casos, ele está ligado à expansão das atividades de uma empresa que tem seu centro de decisão fora do subsistema em questão. Como esse desenvolvimento envolve a adoção de novos padrões de consumo ou a sua difusão, e como esses novos padrões trazem consigo um vínculo de tipo internacional (importação de *inputs*, pagamento de *royalties*, patentes, dividendos etc.), pode-se afirmar também que o referido desenvolvimento é uma transformação estrutural do sistema global no sentido de estreitar as relações de dependência (p.185).

Furtado (1974), argumenta ainda que, se se tem em conta que a situação de dependência vai sendo permanentemente reforçada via introdução de novos produtos, cuja produção requer o uso técnicas cada vez mais sofisticadas e dotações crescentes de capital, torna-se evidente que o avanço do processo de industrialização depende de aumento da taxa de exploração, ou seja, de uma



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

crescente concentração de renda. Acrescenta-se que, quanto mais se avança nesse processo maiores são as facilidades que as grandes empresas estrangeiras têm para substituir, com a criação de subsidiárias, as empresas locais que hajam iniciado o processo de industrialização, controlando, assim, não apenas as inovações de uso imediato, mas também assegurando uma opção sobre as futuras.

Contudo, pondera o autor, esse controle direto, por grupos estrangeiros não, do sistema produtivo dos países periféricos, não é condição necessária para a evolução da dependência, uma vez que é perfeitamente possível que uma burguesia local de relativa importância e/ou uma burocracia estatal forte participem ou mesmo tenham posição dominante no controle do sistema produtivo. Não obstante, mesmo o controle local no nível da produção não significaria necessariamente menor dependência, se o sistema continua a reproduzir os padrões de consumo permanentemente criados no centro. Sob esse pano de fundo, Furtado (1974) afirma que “o subdesenvolvimento tem suas raízes numa conexão precisa, surgida em certas condições históricas, entre o processo interno de exploração e o processo externo de dependência” (p.94). Acrescenta-se que, para o autor, num contexto de dependência, a elevação da taxa de crescimento tende a agravar tanto a dependência externa como a exploração interna. Portanto, longe de reduzir o subdesenvolvimento, o crescimento tende a agravá-lo, no sentido de que tende a ampliar as desigualdades sociais.

Por fim, cabe destacar que a despeito do pessimismo notável nas obras supracitadas, o passar do tempo parece ter feito renascer a esperança em Furtado. Isso porque em artigo de 1994 o autor lança luz em direção a certas condições que devem ser cumpridas por um país de economia periférica que pretenda reduzir a dependência e superar o subdesenvolvimento, sem deixar de asseverar que o logro desses objetivos pressupõe o exercício de uma forte vontade política apoiada em amplo consenso social. As condições são: a) um grau de autonomia nas relações exteriores que limite o mais possível a drenagem para o exterior do excedente; b) estruturas de poder que dificultem a absorção do excedente pelo simples processo de reprodução dos padrões de consumo dos países ricos e assegurem um nível relativamente alto de poupança, abrindo caminho para a homogeneização social; c) certo grau de descentralização das estruturas econômicas requerido para



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

a adoção de um sistema de incentivos capaz de assegurar o uso do potencial produtivo; d) estruturas sociais que abram espaço à criatividade num amplo horizonte cultural e gerem forças preventivas e corretivas nos processos de excessiva concentração do poder (Furtado, 1994, p.42).

Na perspectiva de Cardoso, como já mencionado, os principais condicionantes do processo de desenvolvimento residem no tipo de integração social das classes e dos grupos. Assim, com a colaboração de Faletto, Cardoso começa a desenvolver a ideia de dependência no intuito de interpretar os vínculos estruturais entre a situação de subdesenvolvimento e os centros hegemônicos das economias centrais. Segundo os autores:

O reconhecimento da historicidade da situação de subdesenvolvimento requer mais do que assinalar as características estruturais das economias subdesenvolvidas. Há que se analisar, com efeito, como as economias subdesenvolvidas vincularam-se historicamente ao mercado mundial e a forma em que se construíram os grupos sociais internos que conseguiram definir as relações orientadas para o exterior que o subdesenvolvimento supõe. Tal enfoque implica reconhecer que no plano político-social existe algum tipo de dependência nas situações de subdesenvolvimento e que essa dependência teve início historicamente com a expansão das economias dos países capitalistas originários. (Cardoso e Faletto, 2010, p.39).

Cardoso e Faletto (2010) argumentam que a dependência na situação de subdesenvolvimento implica uma forma de dominação que se manifesta por uma série de características no modo de atuação e na orientação dos grupos que no sistema econômico aparecem como produtores ou como consumidores. Nos casos extremos, essa situação supõe que “as decisões que afetam a produção ou o consumo de uma economia dada são tomadas em função da dinâmica e dos interesses das economias desenvolvidas” (p.39). Em suma, a ideia é que a dependência é um componente estrutural do capitalismo, em especial na forma como este se desenvolve na periferia do sistema. Por isso, na análise da situação de dependência é preciso além de uma associação entre os fatores internos e externos, uma conexão destes com a estrutura social interna – composta por classes dominantes e classes dominadas.

Recorrendo-se ao seu livro *As Ideias e Seu Lugar* (1980), em que Cardoso revisita a ideia de dependência em um dos capítulos, pode-se ter uma noção mais clara do significado de dependência:



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Cardoso (1980) explica que dependência é um processo histórico estrutural da dependência em termos das relações de classe que asseguram a dinâmica das sociedades dependentes, ligando a economia e a política internacionais a grupos e interesses locais e gerando, no mesmo movimento, contradições internas e luta política. Ademais, deve-se ter em mente que a ideia de dependência se define no campo teórico da teoria marxista do capitalismo. Assim, é necessário entendê-la como “uma unidade dialética dos determinantes gerais do modo de produção capitalista e das determinações específicas de cada uma das sociedades dependentes, e, portanto, como síntese dos fatores ‘externos’ e dos ‘fatores internos’” (Cardoso, 1980, p.73).

Em síntese, a tese de Cardoso é que o novo caráter da dependência (após a internacionalização do mercado interno e da nova divisão internacional do trabalho que franqueia à industrialização as economias periféricas) não colide com o desenvolvimento econômico das economias dependentes. Para o autor, quando se pensa que o desenvolvimento capitalista supõe redistribuição de renda, homogeneidade regional, harmonia e equilíbrio entre os vários ramos produtivos, a ideia de que esteja ocorrendo um processo real de desenvolvimento econômico nos países periféricos que se industrializaram parece absurda. Porém, esclarece o autor, não é este o entendimento marxista sobre o que seja desenvolvimento (ou acumulação) capitalista. Está é contraditória, espoliativa e geradora de desigualdades. Nesses termos, ele entende que economias periféricas, como o Brasil e outras da América Latina, estavam se desenvolvendo capitalisticamente, não sendo apenas um processo de crescimento sem alterações estruturais. Para Cardoso, a composição das forças produtivas, a alocação dos fatores de produção, a distribuição da mão-de-obra, as relações de classe, estavam se modificando no sentido de responder mais adequadamente a uma estrutura capitalista de produção. Além disso, os beneficiários desse “desenvolvimento dependente” são distintos daqueles da teoria do “desenvolvimento do subdesenvolvimento”. São, na verdade, as empresas estatais, as corporações multinacionais e as empresas locais associadas a ambos. São estes os agentes sociais que constituem o “tripé do desenvolvimento dependente associado” (Cardoso, 1980).

Portanto, está claro para Cardoso que existe simultaneamente um processo de dependência e de desenvolvimento capitalista. E, ainda, que desenvolvimento e dependência (tecnológica ou



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

financeira) são processos contraditórios e correlatos, que se reproduzem, modificam-se e se ampliam continuamente, sempre e quando inexistam processos políticos que lhes deem fim. Nesse sentido, para ele, se não se pode escapar do desenvolvimento capitalista com dependência, que este seja com um máximo de democracia política e social a ser conquistada por uma hábil-ágil aliança de sujeitos sociais heterogêneos.

IV. Considerações finais

Na tentativa de sistematizar as principais ideias de Furtado e Cardoso no que se refere às noções de desenvolvimento e dependência, pôde-se notar que embora partam de formações acadêmicas e enfoques teórico-metodológicos distintos, suas obras sugerem alguns pontos de convergência. Não obstante, as diferenças são muito mais exacerbadas.

Pode-se mencionar, em primeiro lugar, que ambos os autores ressaltam a importância de considerar o processo histórico para compreender a sua situação de subdesenvolvimento dos países e suas possibilidades e condições de desenvolvimento. Entretanto, na investigação histórica, Cardoso coloca em primeiro plano a análise da interação de grupos e classes sociais, enquanto Furtado, em consonância com a CEPAL, aborda-a numa perspectiva mais macro, num dualismo estrutural de centro *versus* periferia, atrasado *versus* moderno, mas não existe, como em Cardoso (por influência de Marx), as leis de movimento, em que um gera o outro. Assim, em Furtado, o subdesenvolvimento não caminha para o desenvolvimento por si próprio, ele é exógeno.

Mencionou-se, ainda, que na década de 1950 havia uma crença comum na superação do subdesenvolvimento e na possibilidade de realizar projeto de desenvolvimento nacional e autônomo no Brasil com base na industrialização – crença que se desmanchou na década seguinte, marcando uma guinada nas ideias dos autores em direções contrárias. Nesse sentido, apontou-se que para Furtado, o desenvolvimento econômico não é somente uma questão de crescimento econômico ou um processo de acumulação de capital (o que para ele era apenas *modernização*), mas, sim, de mudanças estruturais profundas em benefício da coletividade. De outro lado, Cardoso entende desenvolvimento como acumulação de capital, *à la* Marx, a qual não implica benefícios para o conjunto da sociedade, ao contrário, tende a ser contraditória, espoliativa e geradora de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

desigualdades. Diante disso, o subdesenvolvimento também assume noções distintas para os autores. Para Cardoso, o subdesenvolvimento reflete a vinculação ao mercado capitalista de economias que estão em diferentes graus de diferenciação do sistema produtivo, o que não implica o não-desenvolvimento, mas um certo tipo de desenvolvimento, em que não se pode analisar o subdesenvolvimento descolado da situação de desenvolvimento. Para Furtado, o subdesenvolvimento não é um tipo de desenvolvimento, é um processo histórico autônomo, particular, resultante da penetração de empresas capitalistas modernas em estruturas arcaicas.

Por fim, no âmbito da dependência, verificou-se que, para ambos, esta caracteriza o *modus operandi* do capitalismo na periferia, isto é, ela constitui uma forma particular do desenvolvimento do capitalismo em certas economias periféricas. Apesar disso, para Furtado, a dependência é inaceitável – embora tenha se mostrado por vezes desiludido com sua superação – posto que tende a aprofundar o subdesenvolvimento, sendo o desenvolvimento muito difícil nos quadros da dependência. Na visão de Cardoso, entretanto, a situação de dependência não exclui e não colide com a possibilidade de desenvolvimento econômico das economias dependentes.

V. Bibliografia

Almeida, J. E. (2009). *Subdesenvolvimento e Dependência: uma análise comparada de Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10183/16407>

Cardoso, F. H. (1980). *As ideias e seu lugar: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento*. Petrópolis, Brasil: Vozes/CEBRAP.

Cardoso, F. H. & Faletto, E. (2010) *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. (9ª ed). Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira. (1ª ed. publicada em 1969, em espanhol).

Cardoso, F. H. (1972). *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil*. (2ª ed.) São Paulo, Brasil: Difusão Europeia do Livro. (1ª ed. publicada em 1964).

Furtado, C. (1994). A superação do subdesenvolvimento. *Economia e Sociedade*, 3(1), 37-42. Recuperado de: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643216>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Furtado, C. (1983). *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, Brasil: Abril Cultural. (1ª ed. publicada em 1967).

Furtado, C. (1974). *O mito do desenvolvimento econômico*. (1ª ed.) São Paulo, Brasil: Círculo do Livro.

Furtado, C. (1961). *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. (1ª ed.) Rio de Janeiro, Brasil: Fundo de Cultura.

Paula, J. A. (2006). Caio Prado Júnior e o desenvolvimento econômico brasileiro. *Pesquisa & Debate*, 17(1), 1-19. Recuperado de:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/viewFile/11869/8590>>